

Rock Art Studies: News of the World

volumes I, II, III e IV

Paul Bahn e colaboradores

Resenha feita por A Isnardis
Setor de Arqueologia do MHNJB e Departamento de Antropologia
e Arqueologia da UFMG

A série Rock Art Studies: News of The World, capitaneada pelo arqueólogo britânico Paul Bahn, chegou, em 2012, a seu quarto volume. Quinquenal, chega também aos seus vinte anos de compêndios de pesquisas.

A proposta básica da série de volumes é apresentar sínteses macro-regionais das pesquisas com grafismos rupestres ao redor de todo o planeta. Iniciados a partir de um encontro sobre arte rupestre realizado em Turim, em 1995 (Internacional Rock Art Congress), os quatro volumes da série se compõem de capítulos em que especialistas versam sobre o cenário das pesquisas em seus países de origem ou em regiões amplas, que por vezes congregam espaços vizinhos ou relativamente afins em diferentes países (“África Setentrional”, “Alpes, Itália e Balcãs”, “Anatólia, Levante e Península Arábica”, “Extremo Oriente”). As Américas têm presença constante, com significativa representação de países sulamericanos: Brasil, Argentina e Bolívia figuram desde o primeiro volume, agregando-se a eles, no decorrer da série, Peru, Chile, Equador, Colômbia, Venezuela.

Os autores participantes da série são, sem exceção aparente, pesquisadores nativos das regiões ou países de que tratam ou pesquisadores de outras partes, mas com vínculos de anos de pesquisa nas terras sobre as quais versam. Assim, os colaboradores traçam

cenários das pesquisas nos quais efetivamente se inserem como atores. Os editores, em seus prefácios, demonstram-se sempre preocupados em apresentar uma cobertura o mais ampla possível do ponto de vista geográfico (e, de fato, a amplitude é absolutamente notável!), bem como em solicitar aos autores uma certa homogeneidade de tratamento, na qual se privilegiem uma apresentação da diversidade dos trabalhos, no que tange a abordagens, perspectivas teóricas, métodos e técnicas, na mesma medida em que lhes demandam notícias sobre a descoberta de sítios e contextos novos. Nem sempre, queixam-se os próprios organizadores, esse pedido é integralmente atendido. Evidencia-se aí um dos atributos que, de diferentes modos, creio marcar os volumes e de que recursivamente tratarei nestes comentários: diversidade. Adiante desenvolverei a esse respeito. Antes, porém, gostaria de sublinhar alguns aspectos, digamos, formais.

O primeiro volume é editado por Bahn, com um longo vínculo com a arte rupestre do Paleolítico Superior da Europa, e Angelo Fossati, arqueólogo italiano em atividade em seu país natal e nas vizinhas regiões alpinas, procurando cobrir as pesquisas desenvolvidas de 1990 a 1994. O segundo volume mantém os mesmos editores, assim como mantém basicamente os mesmos recortes geográficos ao longo dos capítulos e, fundamentalmente, o mesmo elenco de pesquisadores colaboradores, se propondo a atualizar o primeiro volume ao tratar das pesquisas desenvolvidas de 1995 a 1999. O terceiro volume, que abrange o período de 2000 a 2004, tem como editores Bahn, Natalie Franklin (pesquisadora australiana) e Matthias Strecker (pesquisador que atua na Bolívia), e, embora mantenha parte dos colaboradores, recebe a inclusão de diversos outros autores, enquanto aumenta o número de regiões tratadas, apresentando recortes geográficos menos abrangentes, aproximando-se mais das divisões dos estados nacionais. Se nos três primeiros volumes o número de colaboradores gira em torno da casa dos 25 (26 no primeiro, 28 no segundo e 24 no terceiro), no quarto, o número de pesquisadores convidados aumenta grandemente, são 49 os arqueólogos participantes, que tratam das pesquisas desenvolvidas do ano de 2005 ao de 2009 (editado em

2012), sob a edição de Bahn, Franklin e Fossati. Ao longo dos quatro volumes, alguns pesquisadores mantêm-se firmes no elenco, como Franklin, Gutierrez, Hyder, Prous, Murray, Strecker, Millerstrom, enquanto outros descontinuam sua colaboração e, no quarto volume, como dito, diversos novos personagens entram em cena, entre eles o que parece ser uma nova geração de pesquisadores. Aproveito aqui o momento para voltar ao tema da diversidade.

Esse variado elenco de autores põe em evidência uma grande diversidade de perspectivas, preocupações e estilos - ainda não falo de estilos de grafismos, mas, sim, de estilos de arqueologia. O decorrer da série marca a preocupação crescente com questões referentes ao patrimônio, seu manejo e as relações entre arqueólogos, grafismos e outros atores sociais - essa parece ser uma tendência amplamente compartilhada pelos autores -, mas é notável como os diferentes arqueólogos caminham por trilhas distintas, como percebem de forma distinta os grafismos, como colocam a eles perguntas diferentes, como se valem de recursos interpretativos diferentes, fundados, inclusive, em epistemologias bastante distintas. Como não se trata apenas de apresentar pesquisas próprias, mas, muitas vezes, sintetizar temas e perspectivas de colegas, pode-se ver como, mundo afora, circulam pontos de vista funcionalistas, adaptativistas, culturalistas e, abandonando os “istas” antes que eles nos sufoquem, como se entende de modos diversos o que são “análise”, “interpretação”, “registro”, “descrição”. E esse é um dos motivos pelos quais recomendo ao leitor a série: dada sua diversidade de autores e sua pretendida amplitude de cobertura, ela nos permite, uma vez que cobre não menos de vinte anos de atividades, um registro valioso do percurso histórico das abordagens de grafismos pré-históricos, em escala global. Em certa medida, se expressam nela algumas das tendências que marcaram a Arqueologia como um todo nesse período, como a emergência e multiplicação dos estudos sobre paisagens, numa perspectiva não adaptativista, e a exploração dos recursos digitais/informáticos como instrumento de análise e instrumento de apresentação de resultados. Ao mesmo tempo, se pode acompanhar a manutenção ou renovação

das abordagens classificatórias, das abordagens fundamentadas em informações etnográficas e etnohistórias - com suas ricas possibilidades interpretativas e com suas recorrentes fragilidades -, assim como de trabalhos que lutam com dificuldade para ir além da mera descrição, registro, mapeamento. Podem-se ver também algumas peculiaridades do campo, que parecem perpassar as distintas correntes de abordagens, tendências, modismos e aquisições técnicas. Uma dessas peculiaridades é a profundidade das dificuldades interpretativas, que permanece de pé diante dos pesquisadores, quando não se tem uma continuidade histórica que ofereça supostas chaves interpretativas - como nos contextos australianos e centro-sul africanos. Diante dessas dificuldades, cujo desejo de superação é evidente em muitos autores, trajetórias se repetem ao longo dos quatro volumes da série. Uma delas é o apelo a teorias generalizantes, que permitem o estabelecimento de correlações entre as formas de expressão gráfica e outros elementos que se atribuem a seus contextos de produção, mais especificamente entre o grafar e outras dimensões da vida sócio-cultural que orientariam, condicionariam ou mesmo determinariam as práticas gráficas - captação de recursos, práticas xamanísticas, sistemas comunicativos de rotas e territórios. Ao mesmo tempo, contudo, muitos dos trabalhos constroem avaliações críticas bastantes cuidadosas dos cenários de seus países e alguns autores se movimentam no sentido de buscar novos meios de análise, procurando avançar na compreensão da estruturação das figuras, painéis e sítios, reconhecer comportamentos ou mergulhar na compreensão de dimensões religiosas e cosmológicas dos povos autores. Enfim, os volumes nos permitem uma rica fonte para inspiração e reflexão sobre as abordagens e práticas de pesquisa contemporânea.

Ainda no universo da diversidade dos autores, um caráter valioso da série é contemplar autores que estão distantes dos centros tradicionais de produção de arqueologia, o que lhe dá uma interessante polifonia. Há muitas vozes congregadas ali, muitas das quais partindo de lugares que não são lugares de autoridade típicos da arqueologia mundial. Outra diversidade precisa ser comentada, essa já não mais dos

arqueólogos, mas do tema primeiro dos volumes. A série guarda um nada menos do que maravilhoso registro da imensa diversidade de formas de expressão gráfica rupestre do planeta. O percorrer de suas páginas é encantador, presenteando os olhos com uma variedade aparentemente interminável de formas, temas, estilos, modos de composição de painéis, contextos geográficos. Visitar os volumes provoca, sem dúvida, uma grande vontade de participar do processo de construção de conhecimento sobre toda essa magnífica diversidade. No meu entender, se a série pretende registrar, apresentar os novos conhecimentos e a variedade de perspectivas, ele produz um efeito poderoso como motivadora, de jovens e de nem tão jovens arqueólogos.

Assim, embora por vezes os capítulos frustrem as expectativas, quando mostram conteúdos excessivamente descritivos ou técnicos, ou abordagens frágeis em termos interpretativos ou metodológicos, a série é um repositório precioso da diversidade, nos diferentes aspectos que tentei assinalar aqui. Não parece haver uma série semelhante, que permita tão amplo panorama em nenhum campo da arqueologia mundial. E esse feito é uma contribuição notável dos editores à circulação de ideias e ao estímulo para valorização e conhecimento do patrimônio cultural em escala planetária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHN, Paul & FOSSATI, Angelo.

1995 Rock Art Studies: News of The World I. Oxford: Oxbow Books. 229 p.

2003 Rock Art Studies: News of The World II. Oxford: Oxbow Books. 251 p.

BAHN, Paul; FRANKLIN, Natalie & STRECKER, Matthias.

2008 Rock Art Studies: News of The World III. Oxford: Oxbow Books. 319 p.

BAHN, Paul; FRANKLIN, Natalie & FOSSATI, Angelo.

2012 Rock Art Studies: News of The World IV. Oxford: Oxbow Books. 406 p.